

AMORES ILÍCITOS NA PARIS DE ÉMILE ZOLA

Margareth Rago¹

Em 1879, Émile Zola publica, em folhetim, um romance sobre o submundo parisiense, que se tornaria famoso em breve: Naná. A história se desenrola em torno da prostituta jovem, bonita e atraente que dá título ao livro e que consegue enorme sucesso entre os homens da burguesia industrial e financeira da França enriquecida do Segundo Império.

Ao narrar as aventuras eróticas e amorosas de Naná, seus êxitos e fracassos como atriz do Teatro de Variedades, ou como prostituta de luxo cercada pelos homens ricos de Paris e invejada pelas mulheres da alta sociedade, Zola nos introduz à vida do submundo parisiense e, às suas diversas formas de diversão e sociabilidade. Percorremos, juntamente com os protagonistas, bulevares, galerias e avenidas centrais da cidade, recentemente reurbanizada pela reforma do barão de Haussmann, prefeito de Paris. Penetramos no interior dos cafés, restaurantes, teatros e, sobretudo, bordéis de luxo, pontos de encontro e de intensa vida social da burguesia enriquecida.

A trama se desenrola nos três últimos anos do reinado de Napoleão III: da abertura da Exposição Universal de 1867 à declaração da guerra franco-prussiana de 1870. Mostra-nos, portanto, através da história de uma prostituta e dos personagens que a cercam, o processo de desintegração do Império,

¹ Margareth Rago, professora de História da Unicamp, onde defendeu tese de Mestrado, *Sem fé, sem lei, sem rei*: liberalismo e experiência anarquista na República, que foi publicada pela Paz e Terra sob o título: *Do cabaré ao lar, a utopia da cidade disciplinar*. Brasil, 1890-1930. Além desta obra, é autora também de: *O que é Taylorismo* (Brasiliense) e dos artigos: De Eva a Santa, a dessexualização da mulher no Brasil (Recordar Foucault – Brasiliense); Uberlândia: a multidão em protesto, uma experiência de ensino em História (CEDES n. 10); Prazer e Perdição: a representação da cidade nos anos vinte. (Revista Brasileira de História n. 13).

corrompido pelo luxo e pela dissolução dos costumes, segundo o romancista. A “mulher da vida” figura, pois, como metáfora da corrupção que graça pela sociedade, corroendo suas entranhas em ritmo vertiginoso.

Esse romance permite-nos trilhar alguns caminhos de análise: focalizar certos aspectos da história da prostituição em Paris durante a segunda metade do século XIX, refletir sobre a condição da mulher nesse século de predomínio da moral vitoriana destacando a emergência da figura da *femme fatale* na literatura e nas artes do período e, por fim, questionar as mutações nos hábitos de consumo do amor venal e nas formas do desejo.

A prostituição em Paris no século XIX

Ameaçadas de desterritorialização na cidade sedentária, as multidões configuram um problema político desde inícios do século passado, como trabalhos recentes têm mostrado.² Preocupados em diagnosticar e curar os males advindos da industrialização e do surgimento dos bairros pobres, de moradias insalubres, da ausência de esgotos e formas modernas de canalização dos lixos e excrementos, bem como da proliferação de fábricas onde vigoram péssimas condições de trabalho e higiene, médicos e higienistas transformam a cidade em laboratórios de experimentação de estratégias de desodorização dos corpos, de individualização da população e de esquadramento disciplinar das totalidades.

Ao lado dos movimentos insurrecionais, da criminalidade e da doença, a prostituição passa a ser percebida pelo olhar armado dos especialistas, médicos, juristas, filantropos e literatos, como “grande chaga social”. Particularmente, o fantasma da sífilis obsessiona o imaginário social como risco de degeneração da raça, ameaçando propagar-se dos centros noturnos do prazer para a luminosidade dos bairros ricos da cidade.³

² BRESCIAMI, Maria Stella. *Metrópolis: as faces do monstro urbano*. Cultura e cidades, *Revista Brasileira de História*, n. 8 e 9, São Paulo, ANPUH, Marco Zero, set. 1984 - a abr. 1985.

³ Estudos consagrados procuram dar conta desta problemática. Na França,

O principal expoente dessa nova preocupação, Alexandre Parent-Duchâtelet, médico francês incumbido dos trabalhos de reforma urbana de Paris – que visam garantir uma melhor qualidade de saúde pública –, acaba por especializar-se no estudo das condições de vida das “mulheres públicas” e por realizar um amplo trabalho destinado a assegurar a harmonia física e moral da cidade. Tendo em seus horizontes a utopia de edificar uma cidade sadia e tranquila, Parent inaugura um discurso sobre a prostituição que não cessará de tornar-se cada vez mais complexo e sofisticado. Considerando o sexo como uma energia selvagem capaz de irromper abruptamente das profundezas do social, como um vapor altamente concentrado, dirige seus esforços no sentido de represar e canalizar essa força desejante e inviabilizar o risco de explosão violenta e descontrolada.⁴

Tendo em vista, portanto, uma boa administração dos problemas urbanos acarretados pela concentração de homens e indústrias, Parent se ocupa do cotidiano das “mulheres públicas”, inaugurando, na prática de visitá-las e de conhecer de perto suas vidas, aquilo que, posteriormente, seria conhecido como método da sociologia empírica. Convencido de que a questão da higienização do espaço urbano passa pela organização do comércio carnal, já que sua extinção é inevitável, esse médico, ligado à política de costumes, invade o submundo da prostituição, tornando-se, no período, o principal especialista desse universo.

Parent-Duchâtelet acaba por produzir um perfil das prostitutas, classificando-as em gêneros, espécies, tipos, atividades profissionais, idades, nacionalidades, regiões de procedência e tipos de habitação, incluindo, ainda, uma análise

CORBIN, Alain. *Les filles de noce: misère sexuelle et prostitution au 19e. siècle*. Paris: Flammarion, 1982; na Inglaterra, destaco o trabalho de WALKOWITZ, Judith K. *Prostitution and victorian society: women, class and the state*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980. Nos Estados Unidos, há inúmeros trabalhos sobre o tema, sendo o mais destacado: ROSEN, Ruth. *The lost sisterhood: prostitution in america, 1900-1918*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1982.

⁴ PARENT-DUCHÂTELET, A. *La prostitution à Paris au XIXe. siècle*. Org. Alain Corbain. Paris: Seuil, 1981.

em função de dados físicos e biológicos. Finalmente, propõe uma forma de controle sanitário e policial da prostituição, conhecida como regulamentarismo. Seus dois imensos volumes intitulados *De la prostitution dans la ville de Paris*, publicados em 1836, têm várias edições seguidas e se tornam a principal referência para as autoridades médicas e policiais de outros países. Em 1841, o médico português Francisco Ignácio dos Santos Cruz publica sua versão *Da prostituição na cidade de Lisboa*, em Portugal. Na década de 1850, começam, então, a surgir no Brasil as primeiras teses médicas sobre este “mal necessário”.⁵

O que ressalta nos estudos do médico francês e, posteriormente, dos seus inúmeros adeptos, é a maneira pela qual o corpo e a vida da prostituta são examinados, decifrados, perscrutados, de modo a se produzir um estereótipo da figura da “mulher pública” que, definindo-a em oposição à mulher séria e assexuada, situa-a no campo da doença, do perigo, da ameaça venérea. Nesse momento em que a esfera da vida pública é desvalorizada como espaço nocivo e ameaçador para a presença feminina, em que o pudor é eleito como característica natural mais importante da mulher, e o espaço que se atribui à mulher casta é a esfera privada do lar, a prostituta sofre uma estigmatização de ordem física e moral. Ela é aquela que, arrogantemente, se insurge contra a natureza e pretende situar-se num campo, em princípio, masculino e inapropriado para a mulher. É, também, aquela que, dotada de uma sexualidade exacerbada e perversa, traz nas marcas do próprio corpo os sinais de uma degenerescência profunda: quadris mais largos, mandíbula mais pesada, dedos mais curtos e menstruação mais irregular que a da mulher normal; como provarão cientificamente os estudos dos especialistas, de Parent a Cesare Lombroso, sessenta anos depois.

Embora o sistema regulamentarista de controle da prostituição entre em declínio durante a III República, questionado pela crítica dos abolicionistas e por movimentos feministas emergentes, vale

⁵ Para a prostituição no Rio de Janeiro, veja-se o trabalho de ENGEL, Magali: *Meretrizes e doutores: o saber médico e a prostituição na cidade do Rio de Janeiro, 1845 a 1890*. Dissertação de mestrado a ser publicada brevemente.

rever alguns aspectos dessa forma de contenção dos amores ilícitos formulada pelos dominantes no século passado e que vigorou em muitos países, como no Brasil, até períodos mais recentes.

Parent considera a prostituição um “mal necessário”. Segundo ele, “as prostitutas são tão inevitáveis em uma aglomeração de homens, quanto os esgotos, os depósitos de lixo e de imundícies”; “elas contribuem para manter a ordem e a tranquilidade na sociedade”.⁶ Ao formular seu sistema de vigilância da prostituição, ele está mais preocupado com a prostituição pública, assim como com a questão da higiene da cidade. Está, portanto, menos interessado em figuras como Naná, prostituta de alta classe que trabalha em seu próprio domicílio, paga impostos, é sustentada por algum capitalista importante e frequentada pelos setores mais privilegiados da sociedade francesa do período. Sua atenção recai sobre as prostitutas clandestinas, como Satin – personagem do romance – que assistimos circular pelas ruas da cidade em busca de clientes, que habitam a periferia e fogem da polícia, terminando seus dias invariavelmente nos hospitais destinados às mulheres contaminadas na “vida alegre”. No entanto, sua figura é fundamental como precursor dos médicos e demais autoridades que, posteriormente, se incumbem do saneamento da cidade e da recuperação do meio ambiente, visto numa perspectiva organicista, como determinante fundamental do caráter e da saúde do indivíduo.

Herdeiro do racionalismo das Luzes, o regulamentarismo se propõe a desfazer as confusões, individualizar os corpos e enclausurar as prostitutas em espaços vigiados e transparentes, transformando-as em trabalhadoras que exercem profissionalmente sua função, isto é, sem prazer. Afinal, na opinião desse médico, as prostitutas têm importância capital para a preservação da ordem na cidade, já que são as responsáveis pela canalização de uma energia que poderia extravasar de modo alarmante e desagradador.

⁶ PARENT-DUCHÂTELET, op. cit., p. 59.

O sistema regulamentarista implica a organização de quatro espaços fechados: a casa de tolerância, dirigida por uma mulher forte, autoritária, em contato constante com a polícia de costumes e com o serviço sanitário;⁷ o hospital, para onde seriam encaminhadas as sífilíticas ou portadoras de outras doenças venéreas; a prisão, onde se encerrariam as insubordinadas, fugitivas, ladras etc; e, eventualmente, um lugar de penitência para as que se arrependessem. Todos esses espaços deveriam ser permanentemente vistoriados pelas autoridades policiais e médicas, e a circulação das prostitutas pela cidade deveria ser regulada por horários determinados e circunscrita a locais específicos. Os bordéis e casas de tolerância deveriam localizar-se em bairros afastados, longe das escolas, casas residenciais, igrejas, prisões e quartéis, o que favoreceria o controle do movimento no interior dos bordéis e, além disso, afastaria cenas e figuras moralmente indesejáveis do público feminino e infantil. Esse “meio fechado”, controlado pela polícia e pelos médicos, que fariam exames periódicos nas prostitutas, seria uma maneira eficaz de controlar a ameaça de transbordamento da sexualidade extraconjugal e de regular as formas que as paixões clandestinas poderiam assumir. Maneira, pois, de organizar a transgressão. Assim como nas casas de tolerância, nos hospitais, como o Saint-Lazare, deveria ser adotado o princípio da individualização dos leitos e da hierarquização dos doentes segundo a origem social, idade, cor, nacionalidade e atividades anteriores.

Portanto, além de propor um sofisticado sistema de confinamento, que atribui enorme poder às autoridades públicas sobre o corpo e a vida dessas mulheres, Parent produz um perfil da prostituta que se consolida nas décadas seguintes, constituindo-se como modelo de referência não apenas para os próximos estudos sobre o tema, como ainda para as próprias mulheres que optam pela vida do submundo. Fundamentalmente,

⁷ Idem, p. 163: “Força, vigor e energia moral e física, o hábito de comandar, alguma coisa de másculo e de imponente são desejáveis numa “dame de Maison”, afirma Parent.

nesse imaginário, a aversão ao trabalho constitui a principal razão da “queda” da mulher, ao lado da vaidade e do “desejo de brilhar sob roupas suntuosas”:

A preguiça pode ser considerada como a primeira das causas determinantes da prostituição; é o desejo de se proporcionar prazeres, sem trabalhar, que leva muitas jovens a não desejarem permanecer em seus lugares ou a não os encontrarem; a preguiça, o desleixo, a negligência das prostitutas se tornaram, por assim dizer, proverbiais.⁸

Além de ociosas, Parent definia as prostitutas como gulosas, vorazes, amantes de bebidas fortes, volúveis, irrequietas, incapazes de raciocínios mais complexos, coléricas, mentirosas, astutas e falsas. O desejo intenso de mobilidade foi visto como característica essencialmente negativa e típica das “prostituídas”:

Não se pode fixá-las, nada mais difícil do que fazê-las acompanhar um raciocínio, a menor questão as distrai e desvia. [...] A necessidade de movimento de que acabo de falar, este amor de liberdade e de independência faz com que elas se mudem constantemente, passem de uma classe a outra e que algumas não fiquem mais do que cinco dias na mesma casa.⁹

Mesmo assim, esse médico reconhecia-lhes algumas qualidades, como a capacidade de solidarização recíproca. Vários desses atributos podem ser reconhecidos nas figuras apresentadas no romance de Zola, tanto em Naná, prostituta de luxo, quanto em Satin, mais próxima das mulheres entrevistadas e examinadas por Parent. Ao mesmo tempo, a literatura médica, jurídica e criminológica aperfeiçoará os métodos de observação empírica inaugurados por suas práticas, especializando-se, cada vez mais, no conhecimento radiográfico do corpo da prostituta,

⁸ Idem, p. 88.

⁹ Idem, p. 98.

de sua fisiologia, de seus hábitos, costumes, gostos e modos de vida. Se naquele médico, portanto, a prostituição aparece associada à ideia de imundície e de esgoto, os especialistas do século XIX acentuarão seu caráter de doença física e moral, acenando estridentemente para os perigos do envenenamento da vida social.

Outras vozes, todavia, se farão dissonantes. Durante a década de 1870, o sistema regulamentarista entra em declínio na França, amplamente criticado pelos abolicionistas e apoiados por companhias que a esquerda radical e pelos movimentos feministas emergentes promovem. Os abolicionistas se insurgem contra o enquadramento policial e sanitário das mulheres e contra seu fichamento na polícia de costumes, argumentando que se fixava definitivamente seu destino desse modo, numa experiência que poderia ser momentânea em suas vidas. Além disso, criticavam a ligação entre as donas de bordéis e os chefes de polícia, nem sempre figuras das mais respeitáveis; o que autorizava, assim, todo tipo de arbitrariedades contra as prostitutas, que, afinal, eram criminosas. O terror que esse tipo de ação policial – enclausuramento, fichamento, prisão – produzia nas mulheres pode ser percebido em passagens do romance.

Finalmente, os abolicionistas argumentavam que o sistema regulamentarista era opressivo demais para as prostitutas, pois fazia recair apenas sobre seus ombros a condenação moral de uma situação que envolvia, também, os homens. Novamente, esses saíam protegidos e ilesos.

Por outro lado, a expansão econômica e a reforma urbana que ocorreram no Segundo Império alteram profundamente a geografia do prazer na cidade modernizada. A haussmanização destrói profundamente antigos lupanares e casas de tolerância localizadas em bairros especializados, desloca caves e tabernas, altera a estrutura da demanda sexual. A *maison close* é substituída por um outro tipo de equipamento coletivo do prazer: o bordel de luxo se reequipa para fazer face às exigências de uma nova clientela. Surge o *rendez-vous*, frequentado à tarde por pessoas elegantes e mulheres casadas que não querem ser identificadas, ele deve estar estrategicamente localizado; aparecem os primeiros

cabarés artísticos, como o *Chat Noir*, em Montmartre, nos inícios da década de 1880.¹⁰

O refinamento das formas de sedução e de erotismo exige um novo cenário: da riqueza da decoração dos bordéis de luxo, ornamentados com espelhos e tapetes espessos nos quartos, perfumados com incensos, equipados com cabines destinadas a práticas voyeuristas, de drogas e afrodisíacos, álbuns e fotografias pornográficas, até os objetos de flagelação sexual; o último quarto do século assiste a uma grande mutação nos hábitos de consumo do amor venal e à emergência de novas práticas eróticas e sexuais.

Os bordéis se abrem para múltiplos impulsos de prazer: abrigam relações homossexuais, também entre mulheres, relações sexuais de grupo, danças eróticas, enfim, a proliferação de múltiplas práticas de prazer destinadas a clientes ricos. O bordel se configura como uma grande casa de espetáculos variados. A década de 1870 vê o desenvolvimento de gostos eróticos e de técnicas de prazer à semelhança do que o gosto burguês identifica como o erotismo aristocrático anterior.

Não por acaso, esse é, também, o momento em que a literatura produz inúmeras obras sobre as práticas do amor ilícito, e que os cientistas se preocupam em classificar as “perversões sexuais”, a exemplo do médico austríaco Krafft-Ebing, autor da *Psycopathia Sexualis*: onanismo, ninfomania, tribadismo, fetichismo, incesto, pederastia, etc. Constitui-se o que Michel Foucault denomina de a “sciencia sexualis”, no Ocidente.

A condição feminina e a moral vitoriana

Podemos compreender, em parte, por que a prostituição se torna uma obseção no horizonte dos higienistas e dos médicos voltados para a questão da purificação da cidade e da construção de esgotos e canalização de excrementos e lixos que ameaçam deteriorar a qualidade de vida nos centros urbanos,

¹⁰ CORBAIN, A. Op. cit., p. 301.

se considerarmos, ainda, que é nesse período que a mulher ganha maior visibilidade na sociedade: melhores oportunidades de emprego, melhores condições de saúde, número menor de gravidez, partos menos dolorosos e novas chances de educação. No entanto, entre 1780 e 1850, aproximadamente, define-se uma separação mais rígida entre as esferas da vida pública e privada. Com a industrialização o lugar de trabalho separa-se do lar e surgem novas atividades profissionais e o público deixa de ser um espaço que reúne pessoas facilmente identificáveis. Além disso, novas formas de divertimento e lazer difundem-se pela cidade, com proliferação de cafés, bares, restaurantes, teatros potencialmente acessíveis a todos, centros comerciais e luxuosas lojas de departamento. Transformações que as reformas urbanas do barão de Haussmann, realizadas a partir da década de 1850, virão aprofundar.

As mudanças socioeconômicas, o crescimento populacional, o desaparecimento de antigas agremiações onde conviviam patrões e empregados dão lugar a uma nova forma de organização do trabalho, que separa, rigidamente, proprietários de um lado e trabalhadores de outro, criando um profundo fosso entre esses setores sociais. O aparecimento de um comércio especializado, e em série, exposto em lojas e grandes magazines, bem como os novos meios de transporte e inclusive as novas formas de iluminação a gás na cidade são vividas como experiências que produzem fascínio e medo: aumento de criminalidade, insegurança social, desconhecimento do outro e competição desenfreada levam à representação da esfera da vida pública em oposição à esfera privada do lar, estabelecendo-se rígidas linhas de demarcação entre ambas. Uma é vista como ameaçadora para a moralidade das famílias, cada vez mais centradas sobre si mesmas e fechadas em torno da “nova mãe”, enquanto o espaço da domesticidade é representado como lugar do calor, da intimidade, da ausência de conflitos e onde as máscaras seriam dispensáveis.¹¹

¹¹ SENNETT, Richard. O declínio do homem público. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

Portanto, constrói-se uma ideologia da domesticidade, que exalta o papel da mulher, sobretudo a burguesa, como destinada à reprodução, enquanto a família nuclear, vista como refúgio, é valorizada como modelo principal e exclusivo de organização da unidade doméstica.

Enquanto se procura retirar as mulheres da rua, remetendo-as ao universo das atividades domésticas e à função de reprodução – a título de ilustração, vale lembrar que, desde os anos 1840, os pubs ingleses deixam de ser frequentados por mulheres, crianças e homens indistintamente, tornando-se espaços de sociabilidade exclusivamente masculinos –, a prostituta, “mulher pública”, é associada ao pecado, ao artifício, ao mal e à doença. A mulher casta, de branco e perfumada suavemente, em oposição à prostituta, vestida de negro e exalando cheiros acres e sensuais, compõe um imaginário que segregou não apenas as classes sociais, mas também os sexos, almejando construir uma cidade, de ponta a ponta, esquadrinhada, transparente e panóptica.

Nesse sentido, o destino de todas as mulheres e, particularmente, o das prostitutas, foi fortemente afetado pela ascensão das teorias e práticas higienistas, que visavam a medicalização da cidade. Fundamentadas numa concepção organicista voltada para a desobstrução das artérias vitais da cidade, os especialistas procuraram construir tecnologias de circulação de água, do ar e da iluminação, procurando ocultar a sujeira e, no caso, não apenas a dos lixos e excrementos, mas a moral, representada, nessa imaginação, pela prostituição e por outras formas de práticas sexuais desviantes.

As teorias científicas evolucionistas e positivistas fundamentaram cientificamente essas práticas de desodorização do espaço urbano pelo confinamento da figura do outro, visualizado na prostituta, no louco, no homossexual e no pobre. Construíram, no que se refere à condição feminina, a *teoria da diferença biológica dos sexos* como fundamento para a diferença social e cultural entre homens e mulheres. Juntamente com os juristas e demais especialistas, procuraram mostrar cientificamente que as mulheres, por uma questão de constituição biológica, são mais frágeis, menos inteligentes e menos racionais. As diferenças

culturais e psicológicas entre os sexos, tais como a maior ternura e passividade da mulher, intuição, capacidade de sacrifício e dor derivavam de uma natureza biológica diferenciada, que as destinadas à função da procriação.

Enquanto Auguste Comte promove a família como “célula básica da sociedade”:

A verdadeira unidade social consiste, por certo, unicamente na família, pelo menos reduzida ao par elementar, que lhe constitui a base principal. Esta consideração fundamental não deve somente ser aplicada neste sentido fisiológico, de que as famílias se tornam tribos, como estas nações [...]. Devemos, pelo contrário, encarar sobretudo esta noção elementar sob o ponto de vista político, nisso que a família apresenta espontaneamente o verdadeiro germe necessário das diversas disposições essenciais que caracterizam o organismo social.¹²

Herbert Spencer, como Darwin, afirma que o campo de atuação da mulher na sociedade deveria ser limitado para a salvação da raça. Afinal, segundo ele, se ela dispendesse muita energia em estudos e atividades públicas, a força necessária para a procriação seria desviada. Na ótica desse pensador muito influente na época e posteriormente, a evolução individual da mulher sofrera uma interrupção, ao contrário do desenvolvimento orgânico do homem, necessária para a reserva de uma energia vital capaz de compensar o custo de reprodução. Daí a sua passividade característica, derivada dessa tendência natural a armazenar uma quantidade maior de energias, ao contrário do homem, voltado muito mais para a dispersão de forças e para a atuação no mundo exterior.

A tarefa de reprodução da espécie é, portanto, elevada à condição de dever social e moral da mulher. Toda doença no organismo feminino é explicada como derivação de uma disfunção

¹² COMTE, Augusto. Coletânea organizada por Evaristo de Moraes Filho, São Paulo: Ática, 1983, p. 111.

uterina. As que se recusavam a ter filhos (legitimamente, é claro), como as celibatárias e prostitutas, foram fortemente estigmatizadas e condenadas, seja como histéricas, seja como ninfomaníacas. Portanto, a mulher deveria receber um tipo de educação que a habilitasse às funções domésticas e à maternidade e que as capacitasse a escolher eugenicamente companheiros com os quais poderia gerar homens fortes e saudáveis.

Apesar das críticas que emergem na década de 1870, tanto contra o sistema regulamentarista de enclausuramento das prostitutas, quanto à moral vitoriana defensora do duplo padrão de moralidade, a exemplo dos escritos e das campanhas lideradas por John Stuart Mill e Harriet Taylor – que atribuíram às condições culturais a causa da inferioridade social da mulher e não aos imperativos biológicos –, os trabalhos de Cesare Lombroso, pai da antropologia criminal, terão enorme repercussão no ambiente cultural do período e mesmo posteriormente.

Em *La donna delinquente e la prostituta*, de 1896, Lombroso realiza um minucioso estudo das diferentes espécies de insetos, animais e humanos, partindo dos povos mais primitivos aos mais civilizados, para mostrar como o sentido do progresso se caracteriza universalmente pela predominância do macho e do patriarcado. Segundo ele, em todas as formas de vida animal, das mais primitivas e já extintas às atuais, a evolução das espécies se orientou no sentido inverso da predominância das fêmeas sobre os machos. Assim, a sociedade mais evoluída, isto é, aquela em que ele vive, se caracteriza pela absoluta dominação masculina, já que sempre foram os homens que prevaleceram não apenas por uma constituição física mais fortalecida e melhor acabada, como por terem contribuído decisivamente para o desenvolvimento das ciências e das artes. O progresso, portanto, é para ele um fenômeno exclusivamente masculino.

Comparando, em seguida, as mulheres normais e as prostitutas, Lombroso constata a inferioridade das segundas em relação às primeiras, a partir de vários sinais indicadores: desde os orgânicos, como tamanho dos quadris, configuração do cérebro, tamanho das mãos e pés, regularidade das menstruações, frequência de doenças etc, até os psicológicos. A prostituta, em

especial a “prostituta nata”, tem uma sensibilidade menor à dor do que a mulher normal, não tem sentimento algum de família – características que podemos observar tanto em Naná quanto em Satin –, não tem nenhum respeito pela propriedade, apossa-se ou desapossa-se de objetos, pessoas ou imóveis com total displicência, a exemplo de inúmeras passagens que Zola constrói. Lombroso afirma a paixão que elas têm pelas bebidas fortes, daí o alcoolismo tão frequente nesse meio, a total ausência de pudor, a dependência doentia em relação a um gigolô, em geral homem bruto e violento por quem elas se apaixonam perdidamente (evidentemente, também Naná se perderá por um explorador de mulheres que a arrasa), sua gulodice e voracidade, como, aliás, já observara Parent-Duchâtelet, lembra Lombroso. Vaidosas e sobretudo ociosas,

Muito pouco ou quase nada sensíveis à monotonia, elas passam todo o dia em sua casa, sentadas ou deitadas em um leito, sem fazer nada e sem se cansar desta inércia que seria para uma mulher normal mais insuportável do que o mais duro dia de trabalho.¹³

Elas têm horror, diz o antropólogo na esteira de Parent, de movimentar seu corpo, de exercícios e de trabalho; não querem nem pensar, nem mexer-se, nada além de comer, beber e dormir. Evidentemente, ambos retratam a prostituta como um “ser incompleto”, porém ainda mais incompleto do que a mulher normal, por si mesma uma interrupção na evolução da espécie humana e no grau de desenvolvimento orgânico e psicológico atingido pelo homem.

Esse discurso ganha toda sua dimensão quando lembramos que a ciência médica do período vitoriano retira qualquer capacidade desejante na “mulher normal”, destinada, exclusivamente, ao prazer da maternidade. Já para o final do século, quando essa teoria da incapacidade orgástica da mulher está desacreditada, também sua sexualidade será vista de maneira essencialmente

¹³ LOMBROSO, Cesare e FERRERO, G. *La femme criminelle et la prostituée*. Paris: Félix Alcan Editeur, 1896, p. 567.

problemática. Para Freud, por exemplo, a existência de mais de uma região erógena na mulher atesta não sua superioridade em relação ao homem, mas reafirma sua inferioridade pela maior dificuldade que ela encontra em realizar a passagem da bissexualidade infantil para a condição feminina propriamente dita.

Mesmo Havelock Ellis, crítico agudo de William Acton – principal expoente do pensamento médico vitoriano – e de Lombroso, vê a questão da sexualidade feminina como muito problemática. Embora questione o mito da ausência de instinto sexual na mulher, apontando, inclusive, para autores como Ellen Key, que atribuem desejos eróticos mais fortes à mulher do que ao homem, Ellis acaba por definir a sexualidade feminina como essencialmente secundária e submetida à do homem. Na verdade, ele também se mantém no interior de um pensamento que afirma uma base orgânica para a diferenciação social dos sexos; assim, a capacidade de competição da mulher na sociedade é bloqueada, diz ele, pelos imperativos biológicos da maternidade e, ainda, pelos efeitos debilitadores da menstruação.

A literatura, por sua vez, também se volta para o estudo da condição feminina. A sexualidade feminina se torna objeto de preocupação desde os romances que registram o perfil da mulher casada insatisfeita com a mesmice do casamento e da vida doméstica, a exemplo de Júlia em *A mulher de trinta anos*, de Balzac, ou de Emma Bovary, de Flaubert, até os romances que abordam a vida cortesã, com seus prazeres, vícios e decepções, a exemplo dos *Esplendores e misérias das cortesãs*, de Balzac, *A dama das camélias*, de Dumas, os *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, *A educação sentimental*, de Flaubert e inúmeros contos de Guy de Maupassant, dos irmãos Goncourt, de Zola, para citarmos apenas os autores franceses. Paralelamente, neste período, investe-se, também, num campo da medicina especialmente destinado à saúde e ao corpo da mulher: a ginecologia.

Sabemos, com Mário Praz, que enquanto a primeira metade do século passado privilegia a figura da heroína frágil, franzina e pura, que se suicida pela perda da virgindade, tal como aparece nos romances vitorianos, ingleses e franceses, a segunda metade desse século assiste à entrada em cena da mulher forte, poderosa

e fatal para o homem, tanto na literatura quanto em outras artes.¹⁴ A *femme fatale*, sedutora, cheia de artifícios, ousada e extravagante é dotada de um instinto sexual indomável, selvagem e insaciável, que obsessiona os homens cultos do período: dos médicos aos literatos, uma produção procura estabelecer os limites da sexualidade feminina, se é que existem, e desnudar suas regiões erógenas e produtoras de prazer. Evidentemente, já não se trabalha na perspectiva hipocrática que atribuía à mulher uma função tão ativa na procriação quanto ao homem. O prazer no coito já não é visto como fundamental para a geração de um ser perfeito, como queria também o século XVII. Sabemos que a moral cristã desvinculou prazer e ato sexual, e que a preocupação fundamental de Santo Agostinho não era a relação sexual entre parceiros, mas os possíveis delírios obtidos na relação consigo próprio, isto é, na masturbação, ponte direta para a loucura e, talvez, para a morte.¹⁵

Nesse contexto, a “mulher fatal” é produzida na literatura como alguém dotada de uma supersexualidade, como uma figura perigosa, noturna, má, bela e sedutora, primado do instinto sobre a razão e, portanto, ameaçadora para a civilização. Essa figura, que deseja a ruína de todos os homens, mesmo dos que poderia amar, invade o imaginário dos poetas, pintores, artistas,

¹⁴ PRAZ, Mário. *La chair, la mort et le diable dans la littérature du XIXe. siècle*. Paris: Denoel, 1977.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. No primeiro volume desta obra, o autor nos chama a atenção para a “descoberta da masturbação” no final do século XVIII. Nesta direção, Pierre Morel e Claude Quérel – *Les medecines de la folie*. Paris: Pluriel, 1985, mostram a inquietação do médico Simon Tissot, por volta de 1760, ao considerar as consequências físicas que o ato individual poderia acarretar: “os jovens que se entregam à prática infame da masturbação perdiam pouco a pouco todas as faculdades de seu espírito, especialmente a memória, e se tornavam completamente inabilitados para o estudo.” “Esgotados enfim por uma fadiga contínua, estes doentes caem em todas as doenças do cérebro, melancolia, catalepsia, epilepsia, imbecilidade...”. Ainda em relação às mulheres, dever-se-iam temer “os acessos de histeria ou os vapores assustadores [...], furores uterinos que, retirando-lhes o pudor e a razão, colocam-nas ao nível dos brutos os mais lascivos, até o ponto em que uma morte desesperada as arranca das dores e da infâmia...”. (p. 45)

assim como dos médicos, juristas e criminologistas do período. Certamente, a “mulher fatal” não nasce nessa segunda metade do século, contudo se torna uma figura relevante, um tipo de destaque contracenado com o herói obscuro, vitimizado, inferior e minimizado por sua força malevolente.

Carmem, criada por Merimée em 1846, e, posteriormente, recriada em inúmeras obras, da ópera ao cinema contemporâneo, talvez possa ser caracterizada como a antecessora direta de Naná. Sua sucessora mais conhecida é Lulu, criada no final do século por Wedeking e, também, imortalizada em outras obras e filmes. Quem não se lembra imediatamente da famosa atriz Marlene Dietrich, intérprete da cantora de cabaré Lola Lola em *O anjo azul*? Também Salomé, com sua dança voluptuosa, figura na galeria das mulheres fatais, responsáveis pela ruína dos homens a partir da provocação sexual. Imortalizada por Oscar Wilde, Mallarmé, Apollinaire, Klimt, Beardsley e por cineastas contemporâneos, Salomé consegue, com sua dança erótica, obter a cabeça de João Batista.

Comportando diferenças, essas mulheres poderosas e sensuais aproximam-se ao evocarem paisagens distantes, exóticas, quentes ou tempos antigos. Provenientes de antigas mitologias, de terras longínquas ou fantásticas, revelam as fantasias de uma época que fez do sexo a chave de explicação dos atos e comportamentos humanos, como ensina Foucault, e que associou, de maneira indissolúvel, sexualidade e subjetividade.

Naná: o império do corpo¹⁶

Naná existe em função de seu corpo, em função de seu sexo. Todo o romance pode ser lido como o desnudamento progressivo de seu corpo e, através dele, da sociedade parisiense do Segundo Império, pelo olhar moralista e exterior do narrador onisciente. Inflexível, em nenhum momento se deixa fascinar pelo encanto

¹⁶ Utilizamos para este texto duas edições do romance de Zola: em português, NANÁ. São Paulo: Hemus, 1982, aliás desaconselhável; no francês, a edição Le Livre de Poche, de 1984.

das belas formas de sua criatura. Zola toma a atitude severa de condenar as paixões clandestinas, de reprovar o amor vagabundo e a sedução que a prostituta exerce sobre seus admiradores e apaixonados, minimizando-os por sua fraqueza e incapacidade de autocontrole. Somos levados a perguntar, afinal, se não há prazer no encanto mágico que Naná irradia, ou se a alegria das noites divertidas e badaladas vividas em sua casa, no teatro e nos cafés merece apenas censura.

Iniciemos, no entanto, pelo próprio romance. Atriz do Teatro de Variedades, Naná aparece indiretamente desde as páginas iniciais, através do sussurrar dos expectadores ansiosos que aguardam sua apresentação efetiva. Mulher-espetáculo que o público deseja conhecer e possuir, a expectativa de sua presença nos palcos do teatro provoca tumultos, comentários, inquietações. Homens e mulheres acotovelam-se, empurram-se, apressam-se, ansiosos para conhecer a luxuosa prostituta parisiense, que atrai menos por seu talento artístico do que pelas promessas exóticas e eróticas que sugere. O teatro, espaço festivo, é o lugar da circulação desejante para onde convergem os diversos setores da elite francesa, beneficiados com as grandes obras do período haussmaniano: aqui se cruzam fluxos em busca de novas formas de consumo do prazer, condizentes com a civilização do progresso que imaginam instaurar:

Entre o público especial das primeiras representações, que não variava, havia recantos de intimidade onde os conhecidos se procuravam mutuamente sorrindo. Freqüentadores assíduos, de chapéu na cabeça, à vontade, como se estivessem em família, trocavam saudações. Estava ali Paris, a Paris das letras, das finanças e do prazer, muitos jornalistas, alguns escritores, corretores da Bolsa, mais prostitutas do que mulheres honestas; mundo singularmente mesclado, composto por todos os gênios, gasto por todos os vícios, onde a mesma fadiga e a mesma febre se estampavam nos rostos. (p. 14)

Já não estamos diante da sociedade que o regulamentarismo de Parent-Duchâtelet quis defender, frente à ameaça da imoralidade transbordante dos amores ilícitos. Naná é a “lorette” do final do Segundo Império, que vive ociosamente em seu apartamento luxuoso, instalado na Avenida Haussmann, no centro comercial refinado de Paris, cercada por uma corte de arrumadeiras, cabeleireiro, passadeira, cozinheira, amigos, conhecidos e admiradores ricos. Ela é a mulher-espetáculo que se oferece nua às luzes de uma sociedade voyeurista, ansiosa por desnudar-lhe o corpo e a vida. Nesse final dos anos 1870, para uma nova clientela enriquecida com o desenvolvimento comercial e com a especulação financeira, as antigas casas de tolerância, afastadas do centro e vigiadas pela polícia de costumes, perderam sentido. Naná é, assim, a prostituta que exhibe ostensivamente seu corpo, na centralidade luminosa tanto dos palcos admirados do teatro moderno, quanto do labirinto de seu apartamento, frequentado pelo mesmo público: banqueiros, comerciantes enriquecidos, nobres decadentes, jovens militares. O teatro-bordel ou o bordel particular são vividos como pontos de encontro dessa gente ávida de novos prazeres, que busca intensificar o contato dos corpos, evadindo-se da austeridade das noites conjugais.

Vive-se, na Paris reurbanizada do Segundo Império, a vertigem do consumismo já que a burguesia ocupa o centro da cidade ao instalar bancos, negócios, sedes das sociedades anônimas, expôr suas mercadorias em vitrines sedutoras e desfilar pelas grandes avenidas, divertindo-se nos cafés, restaurantes e casas de espetáculo recentes. As calçadas desobstruídas, iluminadas a gás, guardadas por uma nova política urbana, tornaram-se lugar de passagem: tudo deve circular, até mesmo o novo tipo de “mulheres públicas”, de “lorettes”^{2*}, e “cocottes” que compõem a paisagem urbana. É assim que a prostituta pode sair da sombra em busca da iluminação que fará brilhar sua maquilagem, suas joias e roupas extravagantes. É para um outro público que, agora, se compõe e se exhibe, como tantas outras mercadorias valorizadas nas vitrines dos grandes magazines.

Embora de origem humilde – ela fora florista na infância –^{317*}. Naná ascende na alta prostituição parisiense: recebe em sua própria casa, ricamente decorada, sobretudo quando se instala no palacete da Avenida de Villiers, adquire uma chácara, a Mignotte, vizinha das propriedades burguesas, onde as famílias respeitáveis descansam temporariamente e de onde escapam os maridos e jovens enfasiados.

Naná é caracterizada como a prostituta jovem, bonita, ambiciosa, calculista e poderosa, capaz de deixar alucinados tanto o público que a vê representar, quanto os homens ricos que dela se aproximam. Péssima atriz, gorda e desajeitada em cena, seduz pela beleza que irradia, pela graça feminina, pela inocência suave e agressiva, pela exuberante sexualidade que os olhares masculinos, entre os quais o do autor, projetam sobre seu corpo. Desde sua primeira apresentação, ela estabelece uma relação de dominação sobre o público, que se abandona totalmente subjugado aos seus encantos de deusa mitológica. Certamente, esse público não busca no Teatro de Variedades as qualidades artísticas de uma profissional, mas sim um símbolo sexual, um objeto do desejo. Aspecto que o empresário Bordenave compreende tão bem ao insistir em chamar seu teatro de bordel, assim como Naná, que percebe bem que seu papel consiste menos em representar do que em se fazer pura aparência nesse jogo de simulações.

Portanto, pode ser gorda e desajeitada, cacarejar como uma galinha, saber que não tem nenhum talento artístico desde cedo, seduz, a plateia:

[Ela] espalhava em torno de si um cheiro de vida, uma graça de mulher, com que o público se embriagava. Desde o segundo ato, tudo lhe foi permitido: o estar mal em cena, o cantar desafinadamente, o faltar-lhe a memória; bastava saracotear-se e rir para provocar aplausos. (p. 24)

^{17 2*} Lorette: o termo designa a prostituta de luxo, que não precisa trabalhar para viver, em geral sustentada por um homem rico, típica desse momento histórico na França.

^{3*} Naná nasce em outro romance de Zola, L'ASSOMOIR, filha de Gervaise e de Coupeau.

Paulatinamente, a personagem envolve magicamente todos os presentes, homens e mulheres, rouba-lhes o olhar e a atenção e enreda-os diabolicamente:

Gradualmente, Naná se apossara do público e subjuga cada homem. O cio que dela emanava, como de um animal excitado, expandia-se cada vez mais e enchia a sala. Àquela hora da noite, os seus menores movimentos excitavam o desejo e com um movimento do seu mindinho, ela incendiava a carne. (p.30)

Associada desde logo à animalidade do sexo, Naná figura aos olhos do público e dos amantes, como a mulher diabólica capaz de arrastar todos os homens a cometer atos imprevistos e ridículos, a exemplo do conde Muffat, completamente aturdido e capturado pela simples presença e pelos cheiros sensuais da jovem, ou ainda como o jovem Jorge Hugon, capaz de inúmeras peripécias para escapar do cerco familiar e encontrá-la. Nessa sociedade vitoriana que privilegia o pudor como qualidade fundamental da mulher, a proximidade do corpo da bela prostituta provoca descontroles emocionais no velho conde, que, em tantos anos de casamento, nunca vira sequer a esposa nua:

Ele que não vira nunca a condessa Muffat por as ligas, assistia às íntimas minúcias de uma toilette de mulher, no meio de potes e bacias, no meio daquele cheiro tão forte tão suave. Todo o seu ser se revoltava; a lenta posse que Naná dele tomava havia algum tempo assustava-o, recordando-lhe as suas leituras religiosas, as obsessões diabólicas com que o tinham embalado na infância. Acreditava no diabo. Naná, confusamente, era o diabo, com os seus risos, com a sua garganta e as suas ancas túmidas de vícios. Mas ele se prometia ser forte. Saberá defender-se. (p. 129)

Apresentada inicialmente como atriz, Naná é situada num mundo diferente, distante e exterior ao nosso: mundo da fantasia, do sonho, da representação. Como artista, portanto, ela já se diferencia da mulher comum por possuir talentos e habilidades

especiais. Pela própria condição de atriz, pode transportar o outro para um tempo e espaço ideais, para terras distantes ou para épocas longínquas, realizando um desejo oculto de desterritorialização: não por acaso, representa inicialmente a Vênus Loira, em meio a uma atmosfera mitológica de deuses e deusas gregos. Gostaria, pois, de chamar a atenção para o poder que é atribuído duplamente a essa personagem: como atriz, consegue conduzir o público para outros territórios e sensações; como prostituta, fascina por um poder de encantamento extraordinário e inexplicável. Impera através de seu sexo.

Diante dela, o conde, mesmo que mais velho e experiente, se torna uma criança facilmente manipulável: não sabe se proteger e sucumbe facilmente diante de seus poderes maléficos e sobrenaturais. Sucumbe diante de sua beleza, de sua juventude, de seu cheiro animal capaz de deixar seus sentidos completamente aturdidos, de uma imagem que lhe abre inúmeras portas e que o convida a percorrer caminhos não trilhados:

 Chegando perto da escada, o conde sentira de novo aquele hálito ardente cair-lhe na nuca, aquele odor de fêmea que vinha dos camarins, de envolta com a luz e o ruído; e, agora, a cada degrau que subia, o almíscar dos pós, o cheiro acre dos perfumes inebriavam-no cada vez mais. (p.138)

Em outro momento, o conde também fica aturdido pelo universo de sensações que a prostituta lhe desperta:

 Aquela sensação de vertigem que experimentara na sua primeira visita à casa de Naná, na Avenida Haussmann, invadia-o novamente. Debaixo dos pés, sentia afundar o tapete espesso do camarim [...]. Um momento, temendo desmaiar ante aquele odor de mulher que tornava a encontrar, aquecido, decuplicado sob o teto baixo, sentou-se na beira do divã acolchoado, entre as duas janelas. (p. 123)

O cheiro forte e selvagem do sexo de Naná também é evocado como elemento de sedução do público, num movimento que a associa ao mundo animal:

E Naná, confrontada por aquele público subjugado, aquelas mil e quinhentas pessoas empilhadas, afogadas num abatimento e perturbação nervosa de um final de espetáculo, mantinha-se vitoriosa com a sua carne de mármore, com o seu sexo bastante forte para aniquilar toda aquela gente sem nem sequer arranhar-se. (p. 31)

A capacidade de fascinação que Zola atribui à “lorette” convive, inicialmente, com uma característica de ingenuidade e carinho, por exemplo: Naná é engraçada e tem momentos descontraídos com o jovem Jorge Hugon, o que vai se diluindo no decorrer do romance. Progressivamente, o aspecto mórbido da destruição e ruína dos homens passa a predominar nas ações da personagem, de tal modo que se elimina qualquer referência à sua graça ingênua e encanto jovial. Devoradora dos homens, mulher vampiresca que suga todas as energias dos mortais, Naná é equivalente à bruxa perversa que não deseja mais do que destruições dos homens, dos objetos, de sua casa e de seu próprio corpo.

O romance repõe, assim, a figura mitológica da mulher bela e poderosa que o pensamento das Luzes pretendeu dessacralizar. A prostituta continua sendo a mulher diabolizada por um discurso pretensamente realista e científico. O conde Muffat, que vive a tensão de uma paixão enlouquecedora e o desejo racional de autocontrole, oscila constantemente entre a paixão por Naná e o medo do abismo: “[temia] ceder também ao contágio de loucura daquela mulher, colada contra seu corpo, no medo incomunicativo do invisível, e chamava-a à razão.” (p. 239)

Em determinado momento, lê um artigo de jornal intitulado *Mosca de Ouro*, a respeito da vida de uma prostituta. Subentende-se que o artigo esteja descrevendo a história de Naná: uma jovem descendente de uma família de alcoólatras e miseráveis, que

herda, pelo sangue viciado dos pais, um desequilíbrio nervoso em seu “sexo de mulher”. Segundo o jornalista:

Com ela, a podridão que fermentava no povo, vinha à tona e corrompia a aristocracia. (O conde é um aristocrata corrompido). Tornava-se uma força da natureza, um fermento de destruição, sem mesmo o desejar, corrompendo e desorganizando Paris entre as suas coxas de neve, fazendo-o alterar, como certas mulheres, todos os meses, fazem azedar o leite. (p. 187)

Esse artigo resume, na verdade, a história que Zola nos conta em todo o romance. A prostituta é identificada a um inseto – a mosca – que suga a morte nos cadáveres “jogados ao zumbido”, espalhando-a por toda a parte. Fermento corrosivo, ela contamina a sociedade ao esparramar seu veneno de baixo para cima e corroer as partes vitais do organismo social. Antes mesmo de ler exatamente aquilo que pensa, nas páginas do jornal, o conde se dá conta de que

em três meses, ela corrompera-lhe a vida, sentia-se corroído até a medula por sujeira que nunca suspeitara. Tudo ia apodrecer nele, dali em diante. Por um momento teve consciência dos acidentes do mal, viu a desorganização trazida por aquele fermento, ele envenenado, a sua família destruída, um pedaço de sociedade que se esfacelava e destruída. (p. 188)

Quanto mais rica e poderosa Naná consegue ser, maior sua capacidade destrutiva, mais se revela sua subjetividade negativa oculta sob a máscara jovial que nem ela mesma conhece. Em apenas um momento do romance ela se apaixona realmente, o que equivale a dizer que perde-se, como já haviam advertido as autoridades médicas citadas nesse texto, numa relação doentia estabelecida com um gigolô que a explora infatigavelmente. Os amores ilícitos contêm, nessa representação imaginária, um elemento doentio e trágico que impede sua sustentação. Relações rápidas e fugazes desfazem-se tão abruptamente quanto mais intensamente vividas.

Expulsa de casa pelo amante explorador, Naná consegue refúgio com a amiga Satin, prostituta clandestina que a introduz ao mundo homossexual. Novamente enriquecida em seu papel de “lorette”, sustentada pelo velho conde, adquire um palacete suntuosamente decorado, todo atapetado e ornamentado com objetos exóticos, antiguidades raras, espelhos e cristais valiosos:

A residência de Naná ficava na avenida de Villiers, à esquina da rua de Cardinet, naquele bairro de luxo, que começava a nascer nos terrenos vagos da antiga planície de Monceau. [...] O conde Muffat comprara a casa toda mobiliada, cheia de um mundo de bibelôs, de soberbas tapeçarias do Oriente, de aparadores antigos, de grandes poltronas Luís XIII; e Naná se via em meio de um mobiliário artístico, de uma escolha finíssima para a balbúrdia da época. (p. 266)

Cercada por uma entourage, reina soberana sobre Paris, atraindo todas as atenções, olhares e solicitudes:

Reinou imediatamente, entre as mais queridas. As suas fotografias eram expostas nas vitrines, citavam-na nos jornais. Quando passava de carruagem, pelas alamedas, a multidão voltava-se e dizia-lhe o nome, com a emoção de um povo que saúda a sua soberana, enquanto ela, reclinada familiarmente com seus vestidos vaporosos, sorria com ar alegre, sob a chuva de cachos loiros, que circundava o azul de seus olhos e o vermelho pintado dos lábios. [...] Dava o tom; as damas da alta roda imitavam-na. (p. 265)

Mas como nunca, é nesse momento que seu poder demolidor e sua voracidade diabólica atingem o clímax. Como deusa mitológica a quem todos os homens deveriam ser sacrificados, Naná destrói, em poucas páginas, todos os amantes que possui. Já nada resta do frescor da artista apresentada no Teatro de Variedades. Exigente e despótica, ela amplia a tirania que exerce sexualmente por toda a cidade:

Foi a época de sua existência em que Naná deslumbrou Paris num renovamento de esplendor. Cresceu ainda mais no horizonte do vício, dominou a cidade com a insolência e a ostentação despudorada do seu luxo, com o seu desprezo pelo dinheiro, que lhe fazia dilapidar publicamente as fortunas. (p. 353)

Como seu corpo, seu palacete se torna um labirinto que engole vorazmente os homens e suas riquezas: “O palácio parecia construído sobre uma voragem: os homens com os seus bens, os seus corpos, até os seus nomes, eram por ele tragados, sem que deixassem sequer o vestígio de um pouco de poeira”. (p. 353)

O mais instigante, no entanto, é que Zola estende o desejo da personagem de destruição até mesmo para os objetos de valor que ganha como presentes dos amantes. Naná não poupa nada: nem pessoas, nem presentes, nem objetos que enfeitam sua casa. Displícite, como afirmara Parent-Duchâtelet, não tem nenhum sentimento de preservação ou de afetividade com qualquer coisa:

Não conservava nada nas mãos; tudo se quebrava, tudo murchava, tudo se estragava entre os pequenos dedos brancos; um juncar de restos sem nome, de farrapos torcidos, de trapos sujos, seguia e marcava sua passagem. (p. 354)

Como um tufão, a passagem da prostituta-feiticeira leva tudo de roldão: destrói fortunas, arrasa física e moralmente os homens, seca as plantações, azeda o leite, faz murchar as flores. Sua violência é ainda mais reforçada pela absoluta inconsciência de seus atos: engole as pessoas como quem come um bombom:

Para fazer ver que pouco se importava com os outros presentes, uma vez que inutilizara o dele, deu-se ao luxo de um massacre, batendo nos objetos, provando que não havia entre eles um único que fosse sólido, destruindo-os a todos. (p.356)

Antes se caracterizam também as relações amorosas que se estabelecem no submundo: fluidas, frouxas, desfazem-se

inesperadamente ao menor capricho da mulher, causando, entretanto, enorme dano à sua volta, ruína e destroços. Diante dessa monstruosidade, portanto, o velho conde só pode temer:

Pensava no seu antigo horror pela mulher, aquele monstro da escritura, lúbrica, que evocava uma fera. Naná tinha uma penugem, uma camada de pelinhos ruços que fazia do seu corpo um veludo; mas, nas suas ancas e nas suas coxas de égua, nos relevos carnudos cavados de fundas pregas que davam ao sexo o véu perturbador da sua sombra, havia algo de animal. Era a besta de ouro inconsciente como uma força e cujo simples cheiro envenenava o mundo. (p. 188)

Animalidade, monstruosidade e loucura são elementos constitutivos da prostituição, nessa imaginação. À margem da sociedade e à margem da razão, a figura excêntrica da prostituta carrega consigo todos os estigmas que a definem como ser a-social por excelência; não tem lugar, portanto, no interior da sociedade, a não ser por um preço alto demais, como veremos. Zola não escapa ao desejo de aprisionar e domesticar o monstro, tanto na teia de um discurso estruturado a partir de uma lógica idêntica, quanto no interior de relações sociais que pretendem capturar a “mulher pública” segundo os códigos da transgressão organizada.

A assimilação da mulher ao animal e à umidade tem uma longa história. Desde Aristóteles, o homem é visto como seco e frio, enquanto a mulher é definida como essencialmente quente e úmida. Ele é a forma capaz de organizar a matéria que ela representa. Vaso receptáculo, ela recebe passivamente seu sêmen, não participando ativamente do processo de geração. Aqui, também, a prostituta é representada como ser incompleto, biologicamente inferior ao homem, pois permaneceu num estágio anterior da evolução: um “macho imperfeito”, na expressão do filósofo grego, retomada durante a Idade Média e, posteriormente, cientificamente formulada pelo pensamento evolucionista do século passado.

Assim, aproximadamente no momento em que o médico Krafft-Ebing classifica as *Psycopathia sexualis* em vários grupos, como já citamos, Zola extrai da jovem atriz loira e romântica “a mulher inquietadora, trazendo o germen de loucura do seu sexo, abrindo o desconhecido do desejo. Naná continuava a sorrir, mas com um sorriso insinuante de devoradora dos homens.” (p. 29)

Essa associação da sexualidade perversa da prostituta à destruição física e moral dos homens progride, no romance, até explodir num aniquilamento desenfreado e sobrenatural de todos os amantes vitimizados nas páginas finais do livro:

Naná, em poucos meses, tragara-os a todos, um a um. As demandas crescentes do seu luxo enraiveciam-lhe os apetites, e duma só dentada deixava um homem liso. A princípio, teve o Foucarmont, que durou apenas alguns dias. [...] Quando Naná o pôs na rua, estava sem um centavo. Aliás, ela mostrou-se muito bondosa, aconselhou-o a voltar para o o seu navio. Por que insistir? Já que ele não tinha mais dinheiro, não era mais possível. Ele devia compreender e mostrar-se razoável. Um homem arruinado tombava de suas mãos como uma fruta madura, para apodrecer na terra por si próprio. (p. 375)

A metáfora do fogo que tudo consome, assim como da grande boca que morde e engole reforçam o poder antropofágico e mortal da heroína, numa perspectiva marcadamente organicista, à medida mesmo em que o desnudamento do corpo da prostituta atinge sua essência profunda. Novamente, o monopólio da deglutição antropofágica é atributo exclusivo da fêmea, como em outras mitologias antigas, quando Zola nos informa sobre a ruína de La Faloise:

Teve de vender tudo rapidamente, coisa sobre coisa. A cada dentada, Naná devorava um acre. As folhagens estremeciam ao sol, as altas searas maduras, as vinhas douradas em setembro, as ervas altas onde as vacas se enterravam até ao ventre, tudo sumia ali, tragado num sorvedouro. [...] Naná passava semelhante

a uma invasão, semelhante a uma dessas pragas de gafanhotos que quando passam arrasam uma província.

Crestava a terra em que pousava os seus pequenos pés. Herdade após herdade, prado após prado, ela devorou a herança com o seu ar gentil, sem nem dar por isso, tal como trincava, entre as refeições, um saco de amanditas, despostos em seu regaço. Aquilo não queria dizer nada, eram bombons. (p. 376)

Máquina trituradora, Naná é dotada de poderes gigantescos, enquanto os homens que animaliza e arruína se tornam cada vez mais frágeis, ridículos e impotentes. Tanto quanto no discurso médico e científico do período, a prostituta, no romance, é responsabilizada pelas falências e fracassos que ocorrem ao seu redor, enquanto o homem, vitimizado, é, não apenas absolvido, como protegido. A menos que leiamos sua destruição como resultado de sua fraqueza, da incapacidade de controlar-se emocional e sexualmente e sucumbir à força magnética do sexo, força selvagem, estranha e desconhecida, nesse imaginário.

No entanto, em várias ocasiões, todas as prostitutas manifestam repulsa e asco pelos homens com quem se relacionam, salvo raras exceções. São frequentes as referências aos assediadores e amantes como “porcos”, sujos, degenerados. Satin, por exemplo, é quem exprime essa rejeição de maneira mais radical em determinado momento: “Seu velho porcalhão! Deixe-me em paz! Era o marquês de Chouard, que fazia o cerco a Satin. Ela, decididamente, estava farta até os olhos daquela gente elegante.” (p. 142)

Outra prostituta, Clarisse, recusa-se a beijar um cliente: “Mas a Clarisse”, explica o autor, “estava enjoada dos homens. Falava violentamente daqueles porcalhões que esperavam em baixo, na portaria.” (p.140)

A ojeriza que as “mulheres da vida” sentem em relação aos fregueses, em geral velhos ricos e libidinosos, também caricaturalmente representados, atinge o clímax quando Naná se apaixona por Satin. Passa, então, a cercá-la furiosamente e abriga-a, ciumenta, em seu palacete, não se preocupando em

disfarçar o tipo de relação que ambas mantêm nem mesmo diante do amante fixo. Atestado do vício e da degeneração em que Naná vai se atolando, na ótica de Zola, esse tipo de envolvimento revela, ainda, um desejo profundo de vingança contra seus opressores para quem, afinal, tais mulheres são obrigadas a se apresentar enquanto puro artifício, devolvendo-lhes especularmente as imagens e fantasias que projetam sobre seus corpos. Devendo esvaziar-se para representar o papel exclusivo de objeto sexual, a única liberdade que elas encontram esteja, talvez, no amor recíproco, no lesbianismo. Mesmo porque essa mulher demoníaca é, frequentemente, representada de uma maneira extremamente ambígua: ao mesmo tempo, vítima e dominadora, ingênua e astuta, bondosa e perversa, símbolo da beleza física e também da podridão do lixo moral e da morte. Mesmo que no decorrer do romance, como já apontamos, os traços negativos e mórbidos passem a predominar cada vez mais sobre todos os outros, num discurso cujo acento moralista também se acentua radicalmente.

Naná chega a experimentar um sentimento de repulsa por seu corpo, teme observar sua imagem refletida no espelho e entra num estado de depressão profunda ao saber-se grávida. Portadora da morte e não da vida, a prostituta, seja nos textos médicos, seja na literatura, não pode sentir qualquer prazer no estado de gravidez. A ideia da maternidade, nessa condenação moralista, só pode ser negativamente recebida e causar um sentimento de pânico ante a ameaça da deformação do corpo.

Lombroso: “Um outro sintoma muito grave de loucura moral, tão importante que é necessário considerá-lo separadamente, é a ausência dos sentimentos maternos, que faz das prostitutas-natas as irmãs intelectuais dos criminosos-natos.” (op. cit., p.532)

E, no entanto, Naná se ama. Em vários momentos, vemo-la contemplar-se diante de um espelho, despir-se, admirar suas formas, examinar-se detidamente, conhecer seu corpo minuciosamente e experimentar um sentimento de prazer nesse autodeciframento narcisista:

Um dos prazeres de Naná era despir-se em frente do seu armário de espelho, onde podia ver seu corpo inteiro. Fazia cair toda a roupa, até a camisa; depois, completamente nua, extasiava-se esquecida na própria contemplação. Era uma paixão do corpo, um arrebatamento pelo cetim de sua pele e pelas linhas delicadas do seu busto, que a deixava séria, atenta, absorta num amor de si própria. (p. 186)

A descoberta do corpo diante do espelho, dotada de um valor altamente erotizante, expressa a constituição de uma nova tecnologia de si, durante o século XIX: conhecer-se passa a significar, também, apreender a própria imagem física, assumir uma identidade corporal. A conquista da autoimagem integral, refletida em espelhos grandes, é recente ainda na década de 1880, na França. Algum tempo será necessário para que esse objeto se difunda numa outra utilização, acessível a todas as camadas sociais, e para que invada espaços íntimos da casa, como o quarto e o banheiro, deixando de ser privilégio exclusivo dos bordéis luxuosos e das elites urbanas. Seu novo emprego, já que antes era usado, em geral, por barbeiros, por exemplo, atesta a maneira pela qual sexualidade e subjetividade são, nesse momento, intimamente associadas por um pensamento que fez do discurso sobre o sexo a forma de produção da verdade do sujeito, como ensina Foucault. Por outro lado, como nos informa Richard Sennett, se o corpo, durante o século XVIII, era utilizado e enfeitado, como forma de expressar a condição social, ou a capacidade humana de burilar as formas naturais, não estava, pois, associado à noção de personalidade, não expressava a essência da pessoa, mas representava sua condição.¹⁸

Retomando o romance, em outra passagem, o leitor presencia o mesmo embevecimento narcisista da “lorette” e do autor, diante da beleza de seu corpo desnudado frente ao espelho:

¹⁸ SENNETT, Richard. Op. cit., cap. 4.

Naná absorvera-se na contemplação de si mesma. Inclinará o busto, olhando com atenção no espelho um sinalzinho moreno que tinha nos quadris; e tocava-o com a ponta dos dedos, fazia-o ressaltar, inclinando-se mais, achando-o sem dúvida engraçado e bonito naquele lugar. Depois, estudou outras partes do seu corpo, distraída, enlevada nas suas curiosidades viciosas de garota. Era sempre uma surpresa renovada mirar-se; e, refletia-se na sua fisionomia o ar admirado e seduzido de uma jovem que descobre a puberdade. Lentamente, abriu os braços para melhor alçar o seu peito de Vênus gorda, dobrou a cintura, examinando-se de frente e de costas, detendo-se no perfil da garganta e das redondezas fugidias das coxas. E acabou por gostar de se ver num curioso movimento de balancear-se à direita, à esquerda, os joelhos separados, a cintura girando sobre os rins, com o leve frêmito duma dançarina na dança do ventre. (p.188)

Enquanto Naná se despe – e reafirma a conformidade de uma imagem à demanda de sua clientela masculina, afinal é isso mesmo que se espera dela –, o leitor é levado a situar-se na posição voyeurista do autor, admirando, todos juntos, através do olhar da prostituta sobre si mesma, os detalhes de seu corpo, os contornos de suas formas arredondadas, de maneira diferente se compararmos com os procedimentos literários difusos que vigoravam no século anterior. Nos romances de então, a fluidez, a invisibilidade e as fórmulas abstratas e gerais caracterizam as descrições dos personagens. O que sabemos, pergunta Philippe Perrot, da beleza de Astarté em *Zadig*, ou de Cunégonde no *Cândido*, de Voltaire? “Quando a Manon Lescault, ignora-se tudo de sua beleza, até a cor dos cabelos, dos olhos ou da tez, que é a “da composição do amor.”¹⁹

Ao mesmo tempo, a beleza corporal que o romancista expõe eroticamente diante do espelho e do leitor não deixa de estar associada à ideia do vício, pois não é a norma, na sociedade vitoriana, que uma mulher ame e admire seu corpo nu. O olhar

¹⁹ PERROT, Philippe. *Le travail des apparences*. Paris: Seuil, 1984, p. 64.

superficial da prostituta, destituída de qualquer espiritualidade, não pode perceber aquilo que o autor insistentemente sugere, e que posteriormente denunciará com todas as letras: o monstro interno que habita o corpo perfumado e aveludado da “mulher pública”. Corpo labirinto, que atrai homens e mulheres para suas profundezas, assim como sua casa, atulhada de objetos, de portas, de ricos ornamentos, que apenas mascaram a sordidez, a hipocrisia e os vícios que aí convivem. Voraz como seu corpo, o palacete de Naná, suntuoso e enganador, consome e esvazia os que aí entram. Como uma deusa mitológica, a prostituta se instala num aposento ricamente decorado, de onde governa soberana através do poder de seu sexo:

No seu luxo régio, o novo quarto resplandecia. Pregos de prata semeavam de estrelas vivas o veludo rosa-chá da tapeçaria, daquele tom róseo de carne que o céu toma para as lindas tardes, [...].

Depois, em frente, era o leito de ouro e prata que resplandecia com o brilho novo de seus cinzelados, um trono muito largo para que Naná pudesse nele estender a realeza dos seus membros nus, um altar de opulências bizantinas, digna de todo o poderio do seu sexo, e onde ela se ostentava naquele mesmo instante, descoberta, num religioso impudor de ídolo temido. (p. 383)

Ainda assim, cercada por todo o fausto do palacete que desejara, Naná não o habita como sua casa. Nômade, apenas acampa nesse espaço que reforma incessantemente, entulhando-o com objetos caros e preciosos, transformando-o num museu confortável, acolhedor, a exemplo do quarto de toilette, “todo em mármore e em espelhos, com a mancha branca da banheira, os seus jarros, as suas bacias de prata, as suas guarnições de cristal e marfim”. (p. 267)

Todavia, Naná aí nunca se encontra. Não se satisfaz, irrita-se com a monotonia de seus dias ritualizados tal como uma mulher casada, tal como Madame Bovary, talvez: “todo aquilo já não contava, o seu palácio parecia-lhe idiota, pequeno demais, cheio de móveis que a estorvavam”. (p. 392)

Por isso, fuge novamente em busca de outras aventuras, “varrendo tudo; o palácio, os móveis, as joias e até os vestidos e roupas brancas.”

Como ela, também as prostitutas clandestinas vivem em constante fuga, agitadas por um desejo intenso de liberdade e independência. Pobres, vivem e agem na clandestinidade, “caçando” os clientes nas ruas centrais da cidade, fazendo *trottoir* de madrugada, refugiando-se em pensões baratas. São essas que sofrem a violência das perseguições da polícia de costumes, violência explícita que a utopia dos regulamentaristas de higienização do submundo faz pesar sobre suas cabeças.

Satin, prostituta pobre, gira em torno de Naná, come restos de pedaços de açúcar que os fregueses deixam no Café das Variedades, graças à amizade do garçom. Mais tarde, encontramos-la vivendo num cômodo sujo e miserável em que um farmacêutico lhe instalara, livrando-a momentaneamente das perseguições policiais. Como Naná, Satin também é apresentada como uma figura profundamente corrosiva, aspecto que se projeta no próprio espaço em que vive. Nunca consegue organizar, limpar, arrumar sua casa que “parecia habitada por um bando de gatas danadas”. (p. 214)

Assim como ela, Naná, empobrecida, volta a percorrer as ruas, os cafés, os bailes da baixa prostituição parisiense, de onde muitas vezes se veem compelidas a lançarem-se em direção das grandes avenidas, onde aquisições mais lucrativas são possíveis:

Elas partiam juntas, depois do jantar, pelas nove horas. Nos passeios da rua Notre-Dame de Lorette, duas filas de mulheres, ao rés das lojas, as saias arregaçadas, a cabeça baixa, apressavam-se para as avenidas com ar atarefado, sem um olhar para as vitrines. Era a descida esfomeada, do bairro de Bréda, ao acender dos primeiros bicos de gás. Naná e Satin caminhavam então ao longo da igreja, tomando sempre pela rua de Le Peletier. Depois, a cem metros do café Riche, como chegassem ao campo de manobras, deixavam cair a cauda do vestido, até então levantada com cuidado, e desde então, arrastando o pó, varrendo os passeios e

saracoteando o corpo, caminhavam a passos curtos, retardando a marcha quando atravessavam o jato de luz crua de um grande café. Empertigadas, rindo alto, olhando para trás, para os homens que se voltavam, estavam no seu elemento. (p. 230)

Zola mostra as dificuldades desse tipo de prostituição, em que a concorrência desenfreada leva ao afloramento da violência nos gestos e palavras obscenos, inicialmente refreados. Mesmo que as casas de tolerância já não estejam confinadas aos bairros escuros e segregados da cidade, levando, pois, à invasão da cidade pelas “mulheres públicas”, como vemos no trecho citado, as paixões clandestinas supõem um campo bélico de disputa árdua entre as mercadoras do amor:

Depois, tendo ido dez vezes do Opéra ao Ginásio, Naná e Satin, quando decididamente os homens se desfaziam delas e andavam mais depressa, na escuridão crescente, conservavam-se nos passeios da rua do Faubourg Montmartre. Ali, até as duas horas, restaurantes, cervejarias, e salsicharias estavam iluminados, e um formigueiro de mulheres persistia à porta dos cafés: último canto iluminado e vivo de Paris noturna, último mercado aberto para as transações de uma noite, [...]. (p. 231)

O retorno seco das mulheres pobres, que não conseguem nenhum ganho, se faz desesperado, angustiado, melancólico:

E, nas noites em que regressavam em branco, elas disputavam entre si. A rua de Notre-Dame de Lorette estendia-se negra e deserta, sombras de mulheres arrastavam-se; era o regresso tardio ao bairro das pobres criaturas exasperadas por uma noite improfícua, que se obstinavam e discutiam ainda, com voz constipada, com algum bêbado perdido, que elas retinham na esquina da rua de Bréda ou da rua de La Fontaine. (p. 231)

A luta pela sobrevivência no *bas-fond* miserável de Paris exige que a prostituta se arme com um olhar aguçado, que tenha

um “faro” especial, como observa Zola em relação a Satin. Mais do que nunca, ela precisa ter um sentido apurado de animal faminto, farejar os clientes mais ricos, localizá-los e atraí-los, estrategicamente. Satin conhece palmo a palmo as ruas da cidade, os espaços desejanter, os pontos para onde convergem fluxos em busca do consumo do prazer, assim como os alvos preferidos das investidas policiais.

Satin simboliza, assim, a prostituta clandestina perseguida pela violência policial e sanitária, confinada frequentemente, seja nas prisões, seja no hospital Saint-Lazare, que a horroriza profundamente. Ouvindo suas histórias, Naná pensa nesse hospital especialmente destinado às mulheres, “como um fosso, um buraco negro onde enterravam mulheres vivas, depois de lhes terem cortado os cabelos”. (p. 233)

Amante de um agente de polícia, Satin conseguira, em outros tempos, escapar de ser presa e registrada, mas o pânico da repressão continuara marcado em sua memória. Através de suas experiências, conhecemos o sentimento de terror que as batidas organizadas pela polícia de costumes provocavam nas mulheres:

Os agentes, para terem gratificações, detinham o maior número possível de mulheres, prendiam tudo e faziam calar a bofetadas, quando gritavam, certos de serem apoiados e até recompensados, mesmo que levassem de envolta alguma jovem honesta. No verão, em número de doze ou quinze, procediam a batidas na avenida, cercavam um quarteirão e pescavam até trinta mulheres por noite. (p. 232)

Da mesma forma, apavoravam-nas os esquemas de denúncias que estavam montados com alguns proprietários do pedaço. Para Naná, as histórias vivenciadas e narradas por Satin eram absolutamente aterrorizantes, já que ela se acostumara a viver no aconchego de seu bordel particular, protegida das razias policiais e de necessidades elementares. A prostituta pobre, por sua vez, tinha toda a experiência recolhida por sofrer as práticas do sistema regulamentarista: falava à amiga das listas de mulheres

fichadas e fotografadas nas delegacias (p. 233), das inspeções obrigatórias a que deviam se submeter, despindo-se diante das autoridades médicas e policiais. No entanto, nem mesmo Naná escapa da fúria repressiva da polícia quando, uma noite, passeava com Satin na avenida Poissonière:

Foi uma corrida louca no meio da turba. As saias desprendiam-se, amarrotavam-se. Houve pancadas e gritos. Uma mulher caiu. A multidão olhava, rindo a brutal agressão dos agentes que, celeremente, apertavam o círculo. (p. 233)

A personagem se defronta diretamente com essa invasão arbitrária do cotidiano da prostituição quando, refugiada num hotel barato com Satin, se vê obrigada a fugir de madrugada pela janela do quarto, diante da batida repentina dos homens da lei: “À palavra polícia, Naná perdera a cabeça. Saltou do leito, correu através do quarto, abriu a janela, com o ar tresloucado de uma doida que vai precipitar-se”. (p. 237)

Naná consegue escapar novamente, mas não Satin. São essas batidas policiais violentas, explica Corbin, desde as portas dos cafés aos grandes bulevares, até as pensões menores e de segunda classe, que levam os abolicionistas a se levantarem firmemente contra o sistema regulamentarista, reivindicando a liberdade de circulação das prostitutas pelas ruas e locais da cidade e o fim do registro e da carreira de identificação. Afinal, argumentavam, a prostituição não era considerada crime perante a lei, muito embora as mulheres fossem tratadas como ameaça pública. Situação que os tempos praticamente não alteraram em muito.

Satin não é apenas objeto de perseguição das autoridades públicas: ela é ainda alvo da condenação moral do literato. Assim como Naná, entrega-se a um prazer excessivo, a todas as sortes de vício e luxúrias que, segundo a tradição agostiniana, acabam por enfraquecer física e moralmente o indivíduo, levando-o ao delírio, à loucura e à morte. Ela também tem seu corpo degenerado, corrompido por alguma doença, provavelmente a sífilis, grande fantasma da época, e morre abandonada em algum hospital de Paris.

Não se espanta, pois, que as prostitutas, “cocottes”, “lorettes”, clandestinas, ricas ou pobres, vivam em luta contínua pela liberdade, já que são assediadas e capturadas ininterruptamente nas malhas do poder: policial, médico, dos homens e mulheres que organizam o comércio do prazer. Nas páginas do romance, encontramos mulheres que se debatem todo o tempo para escapar dos dispositivos do poder que as aprisionam: Satin revolta-se contra uma ação repressiva mais direta, Naná contra a monotonia da “vida conjugal” burguesa, ao lado do amante fixo, contra os rituais de cada dia, contra as aventuras exigentes e opressivas dos amantes. Nem mesmo a mulher casada, inicialmente apresentada como honesta, fiel, cumpridora dos deveres familiares escapa da sensação de asfixia do ambiente doméstico, buscando evasão em relações extraconjugais.

A condenação dos amores ilícitos, antropofágicos, negativos, frágeis, sufocantes, incorpora, então, o adultério da mulher que transpõe os rígidos limites do círculo familiar. Tanto quanto a prostituta de luxo, Sabina, esposa do conde Muffat, leva uma vida cada vez mais ociosa e entregue a um consumismo irrefreável. Essa metamorfose culmina, evidentemente, numa paixão clandestina, inicialmente ignorada pelo marido. Para ambas, as maiores possibilidades de circulação na cidade moderna, o consumo de artigos de luxo, o acesso a lugares de compra e divertimentos movimentados aumentam as atrações e os perigos que o mundo público fascinante exerce sobre seus espíritos frágeis e vulneráveis. Tanto uma quanto a outra são ávidas por dinheiro e riqueza, adoram a ostentação, reformam constantemente suas casas e buscam em outros relacionamentos sexuais compensar a monotonia da vida conjugal, seja a da esposa-marido, seja a da prostituta-amante fixo. Ambas se sentem aprisionadas em seus papéis e em redes fechadas de relacionamentos. Incapazes de explicarem racionalmente suas insatisfações, ou ainda incapazes de qualquer projeção sobre suas vidas, atiram-se cegamente ao consumo de bens e prazeres, levando o homem a um esvaziamento progressivo. Preocupado com as despesas que Naná o obrigava a fazer, o conde precisa, ainda, enfrentar a condessa que “se revelara subitamente com

um gosto de luxo, um apetite de gozo mundano, que devoravam a sua fortuna”. (p. 337)

Como Naná, a esposa do conde se metamorfoseia em mulher caprichosa, improdutiva, falsa e infiel. Também ela perde os limites das convenções sociais, indo além do que se espera de uma mulher da alta sociedade. A aproximação das duas personagens torna-se mais estreita no decorrer do romance, culminando em, pelo menos, dois momentos privilegiados: informado de que Sabina o trai, pela voz da amante, o conde superpõe mentalmente a imagem da esposa nua sobre o corpo da prostituta, numa operação que emocionalmente lhe é insuportável:

Era uma sensação de queda na loucura da carne alastrando-se, arrastando e levando o mundo em redor dele. Imagens ardentes perseguiam-no. Naná, nua, de repente evocava Sabina, nua, também. A esta visão, que as aproximava num parentesco de impudícia, sob o mesmo sopro do desejo, cambaleou. (p. 195)

Em outro momento, todos, gente respeitável e submundo, se cruzam no casamento da filha do conde: Naná participa da festa como convidada, ao lado de sua rival e anfitriã. O círculo se completa com a presença do amante de Sabina, recebido amigavelmente pelo esposo traído. Todos, portanto, se encontram numa mesma dança de bacantes. Nenhuma barreira, social ou moral, os distingue e opõe. Até então, os únicos a transgredirem livremente os rígidos códigos morais haviam sido os homens e, dentre esses, os mais velhos. Agora, perdem-se por completo todas as demarcações que haviam oposto o espaço respeitável das famílias burguesas e aristocráticas ao submundo corrupto e viciado. A livre introdução da prostituta no seio da vida burguesa, desde o palco dos teatros até o interior da intimidade familiar, num momento sacralizado como a festa de casamento, atesta, para Zola, o grau de decadência moral em que a sociedade francesa do Segundo Império se encontra. O autor se indigna com a livre intromissão das cortesãs, com o poder que adquirem sobre a vida da cidade, numa total inversão de papéis e subversão dos valores:

Agora, ela já não se constrangia, reconquistara uma inteira liberdade. [...] Era a grande distração, o passeio à luz do sol, o leilão das cortesãs ilustres, oferecendo-se, no sorriso de tolerância e no luxo deslumbrante de Paris. Duquesas mostravam-na com um olhar, burguesas endinheiradas copiavam os seus chapéus; por vezes, a sua carruagem, para passar, detinha uma enorme fila de poderosas carruagens de financeiros que tinham a Europa em seu cofre, de ministros cujos dedos grossos estrangulavam a França pelo pescoço; e ela era daquela sociedade do Bois, ocupando um lugar considerável nela, conhecida em todas as capitais, procurada por todos os estrangeiros [...]. (p. 37)

Não por acaso, a partir de então, a captura que o autor exerce no texto sobre o corpo da prostituta também se radicaliza. Liberada para circular à luz do sol pelas praças e lugares públicos da Paris endinheirada, a mulher que mercantiliza o prazer é enclausurada pelo romancista, destituída das últimas expressões possíveis de simpatia ou ingenuidade e transformada em serpente diabólica que engole e destrói. Estamos aqui próximos das páginas finais do romance, em que sua essência negativa se revela por inteiro, evidenciando que por trás da máscara juvenil e sensual da prostituta-atriz, habita o vírus da doença física e moral, responsável pela destruição dos valores que sustentam a ordem social.

Uma diferença essencial, entretanto, separa a “lorette” da mulher casada. Mesmo que dotadas de um poder corrosivo sobre o homem, mesmo que dotadas de uma super-sexualidade que as relações conjugais monogâmicas não conseguem conter, a essência da prostituta é constituída por um “fermento corrosivo” que contamina o social, trazendo, no sangue, taras herdadas em um meio promíscuo, pobre e degenerado. Aspecto que inexistente na figura da condessa rica, por mais irracional e perverso que seu comportamento seja. Se ambas simbolizam a força do instinto sobre a razão, como todo o pensamento científico da época procura provar ao estudar a condição feminina, a prostituta é representada como portadora dos germes de degenerescência

da raça e, no limite, da morte. A diabolização da mulher é, nessa imaginação fortemente marcada pelo organicismo, levada ao paroxismo pelo pensamento burguês misógino.²⁰

O jogo da sedução, portanto, tem bases frágeis: ameaça naufragar uma época. O prazer levado ao extremo traz uma pulsão de morte. Ademais, o homem que deixa de ser soberano de si mesmo, que perde os limites morais internalizados, norteadores da vida social, só pode ser punido, arrastado por um amor fatal que tudo leva de roldão: fortuna, amizades, casamento e dignidade pessoal.

A substância de que é feita a essência da prostituta impregna, então, as relações sexuais e afetivas que ela trava: negatividade, antropofagia, hipocrisia e destruição são os resultados produzidos pela busca do prazer ilimitado. No polo oposto da relação conjugal normalizada, monogâmica, fundada no respeito mútuo, os amores ilícitos só podem trazer um prazer carnal imediato, ao lado de muita dor e sofrimento para os que perdem o autocontrole, como os homens vitimizados por Naná, ou como ela mesma vitimizada pelo gigolô temporário. Mas fundamentalmente, a incapacidade de a própria sociedade manter nos devidos limites a transgressão, o instinto sexual selvagem que a civilização deve reprimir, tem como efeito maior sua total contaminação pelo vírus que porta o corpo da prostituta.

Do desnudamento inicial que Zola apresenta nas páginas iniciais do romance, somos agora conduzidos a assistir ao devassamento radiográfico do corpo da prostituta morta, no final dessa história. De maneira trágica e mórbida, o autor exhibe seu corpo em estado adiantado de decomposição, deformado, fétido, apodrecido, radiografia física da representação moral que ele faz da prostituição e da vida do *bas-fond*. A prostituição, mesmo a de alta classe, revela, por dentro do lindo corpo apresentado nas páginas anteriores, sua verdade:

²⁰ ROMANO, Roberto. A Mulher e a Desrazão Ocidental, in *Lux in tenebris*. São Paulo: Cortez, 1987.

Naná ficava só, de rosto para o ar, na claridade da vela. Era uma câmara mortuária, um amontoado de humores e de sangue, uma porção de carne em decomposição, largada ali, sobre o travesseiro. As pústulas tinham invadido todo o rosto, as bexigas ligadas umas às outras, e murchas, apagadas, com um aspecto acinzentado de lama, pareciam já um montão de terra, sobre aquele rosto informe, onde já não se distinguiam feições. Um olho, o esquerdo, tinha-se afundado completamente sob uma capa de purulência; o outro, semiaberto, enterrava-se, como um buraco negro e corroído. O nariz supurava também. Toda uma crosta avermelhada partida de uma face, invadia a boca, que repuxava num riso macabro. E sobre aquela máscara horrível e grotesca do nada, os cabelos, os formosos cabelos, conservavam o seu brilho, estendiam-se como uma cascata de outro. A Vênus decompunha-se. Parecia que o vírus por ela apanhado nas sarjetas, nas carcaças corroídas, aquele fermento com que ela envenenara um povo, acabava de lhe subir ao rosto, e o apodrecera. (p. 407)

Zola vingava-se, assim, em nome de todos os amantes de Naná, da perfídia e da força sexual da “mulher fatal”, não apenas levando-a à morte, mas exibindo novamente as entranhas desse corpo enganador, tão admirado na maior parte do romance, por toda a França. Também as relações extraconjugais que constituem o submundo parisiense são alvo da crítica indireta do autor, já que traduzem o estado ensandecido da própria sociedade. O resultado do acolhimento dos marginais, dos associais em seu próprio interior só pode significar a derrocada fatal do Segundo Império, deslumbrado com sua própria riqueza, enlouquecido por um consumismo desenfreado, ao lançar-se na guerra franco-prussiana em 1870. Fragilizada, corroída por dentro, desgovernada por uma elite sem escrúpulos, inconsciente, sem dignidade a preservar, a nação se torna presa fácil de quem dela se aproxima. Zola nos evoca, aqui, um conhecido pensador que afirma, ao estudar as condições sociais e políticas da emergência do bonapartismo:

Não é suficiente dizer, como fazem os franceses, que a nação fora tomada de surpresa. Não se perdoa a uma nação ou a uma mulher o momento de descuido em que o primeiro aventureiro que se apresenta as pode violar.²¹

²¹ MARX, Karl. *O 18 brumário de Luis Bonaparte*. São Paulo: Escriba. p. 21.